

ALTAS HABILIDADES/SUPERDOTAÇÃO: DESAFIOS NA EDUCAÇÃO BÁSICA E NO MERCADO DE TRABALHO

HIGH ABILITIES/GIFTEDNESS: CHALLENGES IN BASIC EDUCATION AND IN THE LABOR MARKET

ALTAS CAPACIDADES Y SUPERDOTACIÓN: RETOS EN LA EDUCACIÓN BÁSICA Y EN EL MERCADO DE TRABAJO

Aline Marchand¹

Resumo

O presente artigo examina os desafios enfrentados por pessoas com altas habilidades/superdotação (AH/SD), da educação básica até o ingresso no mercado de trabalho. Devido ao desconhecimento acerca das características desta condição, criam-se mitos e percepções equivocadas sobre os indivíduos com AH/SD, dificultando a identificação, o atendimento e o processo educacional deles. O objetivo desta pesquisa bibliográfica, de abordagem qualitativa, é estimular a realização de mais estudos sobre o tema proposto, visto que ainda são escassos em nosso país. Logo, é urgente desmitificar conceitos errôneos, para promover o desenvolvimento pleno deste público.

Palavras-chave: altas habilidades/superdotação; desafios; educação básica; emprego.

Abstract

This article analyzes the challenges people with high abilities/giftedness (HA/G) face, from basic education to entering the labor market. Due to the lack of knowledge about the characteristics of this condition, myths and misperceptions about these individuals are created, hindering their identification, care, and their educational process. This qualitative and bibliographic research aims to stimulate more studies on the proposed theme, since they are still scarce in our country. Hence, it is urgent to demystify erroneous concepts, to promote the full development of this group.

Keywords: high abilities/giftedness; challenges; basic education; employment.

Resumen

Este artículo analiza los retos enfrentados por personas con altas capacidades/superdotación (AH/SD), desde la educación básica hasta el ingreso en el mercado de trabajo. Dado el desconocimiento sobre las características de esa condición, se crean mitos y percepciones equivocadas sobre los individuos con AH/SD, lo que dificulta su identificación, atención y proceso educativo. El objetivo de esta investigación bibliográfica, de carácter cualitativo, es incentivar la realización de estudios sobre el tema, una vez que son escasos en nuestro país. Es urgente desmitificar conceptos equivocados para promover el desarrollo pleno de ese público.

Palabras-clave: altas capacidades/superdotación; retos; educación básica; empleo.

1 Introdução

*Só os diferentes mais fortes do que o mundo se transformaram
(e se transformam) nos seus grandes modificadores.
(Artur da Távola)*

Em 2020, de acordo com o Censo Escolar, havia 24.424 estudantes com perfil de altas habilidades/superdotação (AH/SD) matriculados na Educação Especial; contudo, estima-se que o número real possa ser ainda maior (BRASIL, 2021). Estes dados evidenciam uma triste

¹ Acadêmica no curso de Licenciatura em Educação Especial no Centro Universitário Internacional Uninter.

realidade: alunos talentosos encontram-se ocultos por um véu de estigmas, em que eles mesmos desconhecem seu próprio potencial. Um número indefinido destes alunos evade da educação escolar, quer por desmotivação, quer por necessidade financeira; outra parcela, consciente de seu talento, é varrida pelo fenômeno chamado globalização.

O Ministério de Relações Exteriores do Brasil estima que três milhões de brasileiros moram no exterior; destes, mais de 300.000 (10%) são brasileiros talentosos ou com indicativos de AH/SD — capital humano talentoso que seria fator de desenvolvimento para o Brasil (ABAD; ABAD, 2017).

Na tentativa de mudar esta realidade, criam-se políticas públicas. A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) assegura aos estudantes o desenvolvimento de competências que inclui apropriar-se de conhecimentos e experiências que lhes possibilitem entender as relações próprias do mundo do trabalho e fazer escolhas alinhadas ao exercício da cidadania e ao seu projeto de vida, com liberdade, autonomia, consciência crítica e responsabilidade (BRASIL, 2018). Por outro lado, alguns estudos apontam que as características manifestadas pelas pessoas com AH/SD podem atrapalhar a escolha de uma carreira profissional e gerar dificuldades para o ingresso no mercado de trabalho. Assim, as altas habilidades de um indivíduo não lhes garante um futuro de sucesso; ao contrário, assim como todos os outros, estas pessoas precisam ser atendidas de acordo com suas especificidades, conforme garante a Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva (BRASIL, 2008).

No meio acadêmico, houve um aumento no número de estudos e pesquisas sobre esta temática, embora ainda precise ser mais explorada. Alguns avanços teóricos na atualidade são conduzidos por Joseph Renzulli e Linda Kreger Silverman, que contribuem com centenas de livros, capítulos de livros, artigos e monografias para a literatura profissional, muitos dos quais foram traduzidos para outras línguas. No Brasil, encontramos profissionais, amantes do tema, que dedicam tempo em compartilhar pesquisas riquíssimas — que já fazem a diferença na criação de um repertório nacional de estudos sobre as AH/SD. Entre eles, destacamos Angela Magda R. Virgolim, Denise de Souza Fleith, Eunice Maria L. S. de Alencar e Susana Graciela P. B. Pérez.

O método de estudo para fins de elaboração deste artigo deu-se por meio de pesquisa qualitativa e bibliográfica. Tal elaboração iniciou-se pela análise das publicações oficiais disponibilizadas nos sites do Ministério da Educação e do Conselho Brasileiro para Superdotação — organização não governamental, sem fins lucrativos, integrada por pessoas interessadas em contribuir com a defesa dos direitos daqueles com AH/SD. A medida que o conteúdo foi estudado, os principais artigos e autores referenciados também foram pesquisados

em respeitados sites de artigos científicos. Toda a análise foi desenvolvida com o intuito de estimular o meio acadêmico a refletir sobre as AH/SD — e seus impactos na vida educacional e profissional dos indivíduos, visto que, infelizmente, pesquisas nessa área ainda são escassas em nosso país. Em vista disso, almejamos participar na construção de um novo caminho, relacionado ao pleno desenvolvimento das pessoas com AH/SD, na escolha de uma profissão e na busca de estratégias aos profissionais que atuam na Educação Especial, por meio de pesquisas, questionamentos e diálogos, de modo a contribuir, positivamente, para a formação acadêmica e profissional deste público e, conseqüentemente, para o desenvolvimento da nossa sociedade.

2 Direitos e desafios da pessoa com AH/SD

As pessoas com AH/SD possuem características e habilidades específicas que os identificam nas mais variadas nuances comportamentais, emocionais, psicológicas e intelectuais. É indiscutível que a inhomogeneidade é uma das características mais marcantes das pessoas com AH/SD; assim, considerar-se-ão alguns dos aspectos que poderão integrar a personalidade deste grupo. Iniciaremos nossa abordagem descrevendo os desafios que este público enfrenta na educação básica e como suas especificidades são incompreendidas neste período escolar. A seguir, pontuaremos algumas dificuldades enfrentadas em sua formação profissional.

É importante mencionar que estes indivíduos podem apresentar características diversas, pois nem todos compartilham as mesmas particularidades. Destarte, o objetivo da presente pesquisa não será o levantamento de todas as características deste público, muito menos o aprofundamento delas, mas apresentar o impacto da manifestação de algumas destas peculiaridades no desenvolvimento e na formação profissional destes indivíduos, quer de forma positiva, quer negativa.

2.1 Desafios na educação básica e suas implicações no desenvolvimento do indivíduo

Em nosso país, no plano educacional, ainda é precário o conhecimento quanto às especificidades das AH/SD e dos fatores que facilitam o ajuste emocional, social e profissional destas pessoas. Por esta razão, criaram-se mitos e percepções erradas sobre esses indivíduos, dificultando sua identificação, seu atendimento e, conseqüentemente, prejudicando seu desenvolvimento — da infância até a fase adulta.

Na fase da educação básica, a pessoa com AH/SD, mesmo que não identificada, enfrenta

bullying por parte de colegas e professores. Começando por seus colegas, essas crianças e jovens recebem apelidos depreciativos, como *nerd*, CDF, entre outros; esta zombaria faz com que se sintam diferentes, levando-os à segregação e ao isolamento. Sobre os efeitos do *bullying* neste público, Virgolim (2021, p. 5) explica que:

[...] o *bullying* é uma forma de violência que pode se dar de forma explícita (por meio de agressão física ou verbal) ou velada (como mostrar indiferença ou isolar o outro). Segundo as autoras, o *bullying*, utilizado como forma de causar sofrimento e angústia nas vítimas, encontra no superdotado um terreno fértil, devido à sua maior sensibilidade e intensidade emocionais que se aliam às habilidades sociais não tão bem desenvolvidas.

Por sua vez, alguns professores reclamam quando o aluno apresenta um comportamento agitado, inquieto e/ou questionador. De modo a manter o controle da situação, alguns docentes sobrecarregam estes alunos com atividades sem objetivo pedagógico, apenas para os manterem ocupados. Em vez de facilitar o ajuste emocional das pessoas com AH/SD, e contribuir para o pleno desenvolvimento de suas potencialidades, o que ocorre é justamente o oposto; esta experiência traumática deixa cicatrizes emocionais nestes alunos, que as carregam para a fase adulta.

Outro equívoco frequente é conceber as características positivas e peculiares deste público apenas por um prisma negativo. Virgolim (2021) chama a atenção para um quadro com altos e baixos da superdotação, publicado por Strip e Hirsch (2000); este quadro apresenta como determinada habilidade pode acarretar consequências negativas no ambiente escolar. A pessoa com AH/SD pode apresentar, por exemplo, um pensamento divergente e criativo, desejando resolver algum problema da sua maneira e não da forma ensinada pelo professor — o que pode levar o docente a sentir-se ameaçado; logo, pode considerar tal atitude por parte do discente como desrespeitosa, estabelecendo um palco para atritos e rebelião. Esta maneira de pensar, quando apresentada, torna estes alunos abertos a ideias novas, porém vistos como antagonistas por seus professores, que muitas vezes relutam em aceitar seu pensamento divergente, ocasionando inconformismo e um ambiente tenso e conflitivo. O mesmo quadro cita que a alta habilidade de concentração, que pode estar associada ao perfeccionismo, pode levar estes alunos a se concentrarem demasiadamente em detalhes de uma tarefa, não a completando nem a concluindo no prazo — o que causa prejuízo à sua nota e gera frustração para todos os envolvidos no processo de ensino-aprendizagem (VIRGOLIM, 2007, 2021).

A superexcitabilidade é outra peculiaridade que estes alunos podem apresentar. Embora seja uma característica associada ao TDAH, quando manifestada, pode confundir a identificação das AH/SD. Para conceituar a característica da superexcitabilidade, destacamos a

seguinte citação:

As sobre-excitabilidades são intensidades e sensibilidades expressas na forma de experienciar a vida (Mendaglio & Tillier, 2006; Jackson & Moyle, 2009; Piechowski, 2015; Piirto, 2010). As sobre-excitabilidades são descritas como intensidades inatas. Dabrowski concluiu que as pessoas podem herdar nenhuma, algumas, ou todas as formas de hipersensibilidades em graus variados, que aumentam a sensibilidade de respostas aos estímulos por meio de um nível elevado de reação do sistema nervoso central (Eiserman *et al.*, 2015). Assim, as pessoas com sobre-excitabilidades absorvem mais estímulos que seus pares que não as possuem (SOUZA; FLEITH, 2019, p. 24, 25).

No artigo supracitado, as autoras mencionam que o autor Dabrowski organiza as superexcitabilidades em cinco categorias: emocional, intelectual, imaginativa, psicomotora e sensorial. Referente ao equívoco de confundir a alta excitabilidade como característica do TDAH, Ourofino e Guimarães (2007, p. 44) apontam o que poderá atenuar esta diferença:

Crianças superdotadas que apresentem superexcitabilidade psicomotora não devem ser rotuladas como hiperativas, pois seus comportamentos têm objetivo, são dirigidos a uma meta. Da mesma forma, os devaneios provocados pela superexcitabilidade imaginativa não devem ser vistos como falta de atenção, e sim como um tempo ininterrupto de processamento criativo.

Para Piechowski (1986), os superdotados têm um modo mais intenso e sensível de vivenciar seu desenvolvimento. Assim, indivíduos superdotados são notados pela grande sensibilidade, proveniente da acumulação de uma quantidade maior de informações e emoções. Para que possam compreender seu mundo emocional, esses indivíduos despendem um alto nível de energia psíquica, muitas vezes incompatível à sua idade cronológica. A consciência precoce dos processos sociais contribui para o desenvolvimento de estruturas sofisticadas de valores, senso ético e de justiça. Toda esta rede complexa de emoções e pensamento pode resultar numa profunda introspecção, tanto dos sentimentos como das opiniões, ocasionando retraimento social deste indivíduo (OUROFINO; GUIMARÃES, 2007).

A identificação e o acompanhamento destes indivíduos ainda na fase escolar são fulcrais, pois, normalmente, este retraimento ocorre na escola; porém, quando devidamente assistido, poderá implicar acréscimo em termos de desenvolvimento social. Por outro lado, se isso não acontece, a pessoa pode apresentar na fase adulta uma tendência a mascarar ou esconder suas potencialidades, de modo a se ajustar às expectativas sociais.

Há, ainda, outras características destes alunos que, se não forem bem administradas pelos docentes, podem gerar estresse, colocá-los em uma condição de vulnerabilidade e ocasionar traumas nesta importante fase de desenvolvimento. A assincronia que crianças e

adolescentes com AH/SD normalmente apresentam, ou seja, o desenvolvimento mais acelerado de algumas áreas do que em outras, causa desajustes. Virgolim (2021), citando Silverman, explica a complexidade e as possíveis consequências na manifestação deste fenômeno:

Ao definir a superdotação como um desenvolvimento assíncrono, Silverman (2002) chama a atenção para a complexidade do processo de pensamento do indivíduo; para a intensidade de suas sensações e emoções; e para a consciência que o indivíduo superdotado tem como resultado da união destes fatores. Assim, na visão dessa autora, a assincronia é um traço inerente à superdotação; resulta de um desenvolvimento desigual e do sentimento de não se encaixar nas normas da sociedade, o que faz com que o indivíduo seja levado a uma posição de vulnerabilidade social e emocional (VIRGOLIM, 2021, p. 12).

Esta intensidade os tornam supersensíveis em uma ou mais áreas de desenvolvimento — outra característica que precisará ser administrada pela equipe pedagógica da escola; caso contrário, este aluno poderá reprimir particularidades que serviriam de combustível para o desenvolvimento de seus talentos, como a curiosidade, sensibilidade, percepção e paixão (OUROFINO; GUIMARÃES, 2007).

Não menos importante, a capacidade criativa faz parte da tríade que identifica uma pessoa com AH/SD. Renzulli e Reis (1997 apud VIRGOLIM, 2007, p. 43) destacam, neste grupo, a demonstração de várias características afetivas e emocionais, entre elas a perceptividade (*insight*). Adicionalmente, Galbraith e Delisle (1996, p. 14) apresentam uma lista de comportamentos para ajudar os professores a identificar este público em sala de aula; entre elas, destacamos a 19ª: “mostra *insights* e percepções incomuns” (VIRGOLIM, 2007). Virgolim (2007) apresenta a perceptividade na superdotação como uma habilidade de raciocínio excepcional que:

[...] faz com que o indivíduo seja mais perceptivo e tenha mais *insights* (este termo é usualmente utilizado para evidenciar a perspicácia e discernimento do indivíduo, o que o permite encontrar novas respostas). São alunos que encontram novas formas de abordar um problema e chegam a diferentes soluções. É importante que o professor ressalte para os alunos com estas características que os *insights* e respostas encontradas de forma original devem ser colocados em prática, e não permanecerem meramente no terreno das idéias. Assim, a capacidade de *insight* do aluno deve ser utilizada também para o entendimento de si próprio, para a resolução de dificuldades e problemas que ele possa encontrar em suas atividades diárias, assim como em seu grupo (VIRGOLIM, 2007, p. 46).

Em 2021, a autora complementa que “a alta percepção aos detalhes podem levá-las a enxergar padrões e significados escondidos no que veem, leem ou ouvem” (VIRGOLIM, 2021, p. 9). Em outras palavras, a pessoa com AH/SD percebe sua realidade de forma diferenciada, isto é, pode enxergar uma situação ou problema com “outros olhos”. Esta habilidade natural,

ou estimulada, permite uma ocorrência maior dos insights.

Explicando a origem do termo insight, Marcos Chedid Abel explica que este termo é definido na língua inglesa como “a capacidade de entender verdades escondidas etc., especialmente de caráter ou situação”, portando um sentido igual a “discernimento” (ABEL, 2003, p. 22).

Considerando os conceitos apresentados, podemos concluir que, embora criatividade, perceptividade e insight não tenham exatamente o mesmo significado, são características intrinsecamente relacionadas, que se manifestam juntas. As pessoas com AH/SD não precisam se esforçar para manifestá-las, pois fazem parte de suas habilidades naturais. No entanto, estes indivíduos precisam ser estimulados para o pleno desenvolvimento destas potencialidades, tanto em relação ao autoconhecimento quanto ao modo de aprimorá-las e utilizá-las.

Como vimos até aqui, a experiência na educação básica, em virtude dos desafios que este público apresenta e o despreparo das escolas e dos professores em, de fato, incluir estes alunos, tem ocasionado muitas dificuldades emocionais, sociais e intelectuais em seu desenvolvimento; se por um lado ficam descompassados em relação aos pares da mesma idade em termos cognitivos, por outro, com seus pares intelectuais, esta divergência ocorre em termos sociais. Estes alunos necessitam serem compreendidos, precisam de trocas com pares que compartilhem de seu mesmo desenvolvimento cognitivo; porém, a escola raramente percebe e, muito menos, planeja ou desenvolve atividades pedagógicas que promovem essas trocas.

As escolas, de forma geral, estão preparadas para trabalhar com turmas homogêneas, mas as crianças possuem ritmos diferentes; contudo, há como planejar, em uma mesma sala de aula, adaptações curriculares que atendam tanto as crianças mais rápidas quanto as que aprendem mais lentamente (GAMA, 2007).

Infelizmente,

[...] muitos acreditam que oferecer AEE aos estudantes com AH/SD seria um “elitismo”, o mesmo não é entendido quando se trata do AEE para estudantes com deficiência, simplesmente porque elite significa “o que há de melhor” e o mito de acreditar que as pessoas com AH/SD são “melhores” reflete um preconceito ainda mais profundo, o de que as pessoas com deficiência não podem sê-lo (PÉRES, 2021, p. 195).

Tal pensamento preconceituoso e enraizado na sociedade, inclusive que deveria responsabilizar-se em romper com tais julgamentos, torna-se responsável por perpetuar esta desmedida e desmerecida exclusão. Lamentavelmente, a triste realidade observada em nosso país e em nossas escolas é que estes alunos excepcionais seguem vulneráveis e invisíveis por um manto de obscurantismo e preconceitos, que impede não apenas sua identificação, mas o

pleno desenvolvimento de seus talentos e potencialidades — prejudicando estes indivíduos e a sociedade.

2.2 Da educação básica para uma carreira profissional

A educação no Brasil é um direito fundamental de todos os cidadãos, estabelecido na Constituição Federal. No entanto, é importante destacar os objetivos que todo este processo busca atingir, amparado, inclusive, pelo mesmo instrumento legal, conforme reza seu Artigo 205:

Art. 205. A educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho (BRASIL, 1988, n.p.).

A fim de garantir o pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho, a educação precisa ir além de um currículo meramente conteudista, formando cidadão melhores, competentes, produtivos e que agreguem valor à sociedade. Ratificando este mesmo compromisso, a LDB/1996 inclui, entre os princípios e fins da educação nacional, o preparo para o futuro laboral dos educandos e ao longo de suas vidas, conforme segue:

Art. 2º A educação, dever da família e do Estado, inspirada nos princípios de liberdade e nos ideais de solidariedade humana, tem por finalidade o pleno desenvolvimento do educando, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho.

Art. 3º O ensino será ministrado com base nos seguintes princípios:
XI - vinculação entre a educação escolar, o trabalho e as práticas sociais.
XIII - garantia do direito à educação e à aprendizagem ao longo da vida.

Art. 58. ...

§ 3º A oferta de educação especial, nos termos do caput deste artigo, tem início na educação infantil e estende-se ao longo da vida, observados o inciso III do art. 4º e o parágrafo único do art. 60 desta Lei. (Redação dada pela Lei nº 13.632, de 2018) (BRASIL, 1996, n.p.)

Ainda nesta mesma linha, a nova BNCC assegura aos estudantes o desenvolvimento de dez competências gerais, que consubstanciam, no âmbito pedagógico, os direitos de aprendizagem e desenvolvimento.

Na BNCC, competência é definida como a mobilização de conhecimentos (conceitos e procedimentos), habilidades (práticas, cognitivas e socioemocionais), atitudes e

valores para resolver demandas complexas da vida cotidiana, do pleno exercício da cidadania e do mundo do trabalho (BRASIL, 2017/2018, p. 8).

Desta forma, este documento normativo reconhece que a educação deve firmar valores e estimular ações que contribuam para a formação de cidadãos transformadores e atuantes, peças-chave para construir uma sociedade mais humana, mais justa e voltada para a preservação do meio ambiente.

Trazendo este amparo legal para nossa principal temática, visto que a educação segue um viés inclusivo, precisamos refletir, com muita seriedade, sobre como o processo básico educacional de nosso país poderá, pois ainda não o faz, cumprir tais obrigações legalmente amparadas, ou seja, direcionar com perícia o desenvolvimento das pessoas com AH/SD para, por fim, realizarem escolhas assertivas e ingressarem com sucesso em uma carreira profissional.

É importante lembrar que “o conceito de superdotação é influenciado pelo contexto histórico e cultural e, por isso, pode variar de cultura para cultura e em função do momento histórico e social” (OUROFINO; GUIMARÃES, 2007, p. 43). Destarte, precisamos conduzir nossa atenção para algumas características desta geração atual, refletindo sobre como podem se relacionar, ou até mesmo potencializar, as peculiaridades de nosso público-alvo e, finalmente, ponderar sobre o possível impacto destas manifestações no desenvolvimento e na manutenção de uma carreira profissional.

Como ocorre com todas as gerações, o período e a forma do desenvolvimento de um indivíduo criam um padrão de comportamento e escolhas. As novas gerações, amparadas nas gerações anteriores, têm a oportunidade de se tornarem agentes de grandes mudanças em nossa sociedade, inclusive para as empresas, transformando até a forma de se exercer a vida laboral. Embora a *geração Alpha* ainda não esteja no mercado de trabalho, em pouco tempo ocuparão esse espaço; fazem parte desta geração todas as pessoas nascidas a partir de 2010, que hoje ainda são crianças ou pré-adolescentes, todas em idade escolar.

Esta é uma geração muito independente, visto que seu contato direto com a tecnologia faz parte do seu dia a dia, desde o nascimento; são indivíduos muito curiosos, e para descobrirem qualquer coisa baixam um aplicativo ou perguntam ao Google. Gostam de saber como as coisas funcionam e não têm receio em fazer perguntas ou em apertar botões; ademais, são muito ágeis e apresentam grande empatia. Por outro lado, são indivíduos com dificuldade de concentração, por causa da grande quantidade de informações disponíveis a elas atualmente.

Embora o mundo profissional ainda não esteja visando *Alphas*, Dan Schawbel apresenta algumas previsões sobre como eles criarão oportunidades e os desafios no mercado de trabalho. A seguir, transcrevem-se alguns trechos destas previsões:

1. Eles serão a geração mais empreendedora. Cada geração daqui em diante se tornará mais empreendedora do que a próxima porque terá mais acesso a informações, pessoas e recursos no início da vida. Veremos muitos empreendedores Alpha começando empresas antes dos dez anos de idade. Como a maioria falhará em suas atividades de negócios, eles aprenderão muito e terão muito mais sorte, à medida que envelhecem. Eles serão empreendedores mais bem-sucedidos porque terão assumido mais riscos antes e tiveram tempo de construir reputações e relacionamentos antes dos millennials, da geração X e dos boomers.

2. Eles serão os mais experientes em tecnologia e não conhecerão um mundo sem redes sociais. (...) Eles vão gravitar para aplicativos que são extremamente fáceis de usar e visuais e esperam que tudo seja personalizado de acordo com suas necessidades.

3. Eles comprarão principalmente online e terão menos contato humano do que as gerações anteriores. Com base em pesquisas que fiz há alguns anos, os alunos dizem que a tecnologia prejudicou suas habilidades sociais – como se comunicar pessoalmente. A geração Alpha será a geração mais conectada, mas passará muito menos tempo conversando com seus colegas pessoalmente. Haverá claros desafios psicológicos com esta geração, pois eles se sentirão mais sozinhos, apesar de estarem tão conectados.

4. Eles serão extremamente mimados e influenciados por seus pais Gen X e Y. Os alfas podem ter pais mais velhos porque a geração Y está esperando mais tempo para se casar e ter filhos [...].

5. Serão mais autossuficientes, mais instruídos e preparados para grandes desafios. A Geração Alfa terá que enfrentar muitos dos maiores desafios do mundo, incluindo o aquecimento global e o déficit. (...) Eles obterão uma educação mais robusta por meio do aprendizado on-line mais cedo na vida e permanecerão no sistema educacional por mais tempo, mas também criarão sua própria maneira de aprender. Uma porcentagem evitará o sistema de ensino superior em favor do aprendizado on-line mais barato (ou gratuito), enquanto as famílias mais ricas poderão sustentar seus alfas investindo em sua educação. A divisão entre ricos e pobres se tornará muito mais evidente com a geração Alpha (SCHAWBEL, 2014, n.p., tradução nossa).

Tal prenúncio ajuda-nos a concluir que esta é uma geração altamente estimulada, formada de futuros empreendedores, estudiosos, amantes de tecnologia e com fortes vínculos familiares; entretanto, apresentarão, possivelmente, desafios psicológicos e dificuldades em socialização. Cabe-nos questionar, com base nas características analisadas: será que esta nova geração teria um alto potencial para o desenvolvimento de AH/SD? Uma vez que esta é uma geração superestimada, estas características manifestadas trariam maior dificuldade na identificação deste público? Quem sabe, futuramente, novos estudos poderão aprofundar estas temáticas. Por ora, trataremos a atenção que estas características, uma vez manifestadas nesta nova geração de pessoas com AH/SD, potencializarão a manifestação de comportamentos e características de superdotação e reforçarão a necessidade da identificação e acompanhamento precoces, para que estas pessoas alcancem o pleno desenvolvimento de suas potencialidades e o sucesso em suas carreiras profissionais.

Segundo Pérez (2008), nos adultos, as atividades laborais passam a ocupar o lugar que ocupavam as atividades escolares na infância e na adolescência. Nas relações, colegas de trabalho substituem os colegas de aula e os chefes, os professores; as avaliações de desempenho

permanecem, tanto por parte das chefias quanto individualmente.

Em vista disso, aqueles estudantes com AH/SD que se desenvolveram bem em suas áreas de interesse, e que ingressaram em uma atividade laboral relacionada a esta área, terão mais oportunidades de serem bem-sucedidos nos seus trabalhos e sentirão prazer no que fazem (PÉREZ, 2008). Novamente, faz-se necessário reforçar que a necessidade de identificar precocemente pessoas com AH/SD — e orientá-las em suas carreiras de acordo com seus talentos — é de suma importância, não somente para o sucesso destes indivíduos, mas para o desenvolvimento de toda a sociedade.

Se considerarmos algumas características que estas pessoas manifestam, sem ajuda profissional adequada no momento certo, estas se tornarão sérios empecilhos ao seu progresso profissional. Por exemplo, um perfil afetivo-emocional muito identificado nas pessoas com AH/SD é o *perfeccionismo*. Segundo Alencar, este é um dos principais problemas que afetam jovens que necessitam de aconselhamento psicológico, associado ao “medo do fracasso, ambivalência a respeito de si mesmo, baixa auto-estima, subrendimento, desvio das normas impostas pela família e pelo grupo de mesma idade, além do isolamento social.” (ALENCAR, 2007, p. 376).

No Distrito Federal, Moreira (2005) realizou um estudo com o objetivo de investigar a manifestação do perfeccionismo na personalidade de 51 adolescentes com AH/SD. Nesta investigação, foram identificados três grupos: perfeccionistas saudáveis, perfeccionistas não saudáveis e outro grupo não perfeccionista. No caso do perfeccionismo não-saudável, o mesmo estudo sugere a necessidade de atenção especial no sentido de ajudá-los em suas dificuldades emocionais e necessidade de assistência para reverter a dimensão disfuncional e destrutiva do perfeccionismo que apresentam.

No mercado de trabalho, a busca saudável pela perfeição tem suas vantagens, pois pode levar a pessoa a um nível de excelência que a destacará em seu ambiente. Por outro lado, a manifestação extrema desta característica poderá tornar a pessoa centralizadora de tarefas, sobrecarregada e com muita dificuldade em cumprir prazos. Tais desvantagens têm contribuído para que o perfeccionismo seja visto negativamente no mundo corporativo. Segundo Robert C. Pozen, vencer o perfeccionismo é fundamental para se tornar mais eficiente no trabalho”, especialmente se a chefia ou a função exercida não primam esta característica (POZEN, 2020). Ademais, esta qualidade dificulta a satisfação profissional, uma vez que, segundo Pérez, a insatisfação com próprio desempenho laboral está presente nos perfeccionistas:

Quase todos os participantes que comentam sobre seu desempenho laboral o

consideram bom, exceto aqueles que, embora reconheçam que as demais pessoas consideram seu desempenho bom, são traídos pelo perfeccionismo, que lhes diz que o seu desempenho está aquém de seus potenciais ou poderia ser melhor (PÉREZ, 2008, p. 198) .

Outras características comuns em pessoas com AH/SD, que a mesma autora também destaca, são a boa memória, o raciocínio rápido e a facilidade em relacionar, associar e abstrair ideias e conhecimentos. Dependendo da área escolhida, um profissional com estas habilidades pode realizar feitos incríveis; entretanto, poderá levar a pessoa a ir além do proposto pela chefia, a questionar demasiadamente as tarefas propostas ou até a encontrar erros não observados (PÉREZ, 2008). Situações como estas podem gerar um ambiente laboral desconfortável por parte da chefia, atritos entre os pares e insatisfação ocasionada pela incompreensão.

Assim como na escola, os indivíduos com AH/SD terminam suas tarefas rápido no trabalho, principalmente quando as tarefas são mais simplórias ou repetitivas. Para ocupar o tempo, estes profissionais optam por realizar, no tempo extra, tarefas não relacionadas ao trabalho, como navegar na internet, jogar no celular, ler. Ao serem observados, acabam aparentando maior ociosidade e, assim, podem cair no desagrado de seus superiores, que não compreendem nem possuem preparo para lidar com essas situações e, menos ainda, com pessoas tão habilidosas (PÉREZ, 2008). Sob outra perspectiva, o desgosto pela rotina, pela ausência de desafios, poderá levar a pessoa a trocar de emprego com muita frequência, tornando seu currículo mal visto pelos profissionais responsáveis pela seleção de pessoal.

No mundo corporativo, a criatividade é uma qualidade muito cobiçada e muitos estudos são feitos no intuito de desenvolvê-la no ambiente de trabalho. Segundo o SEBRAE (2021), o sucesso nos negócios está atrelado à criatividade e a prática do brainstorming (tempestade de idéias) auxilia na busca de ideias inovadoras, ampliando a percepção dos gestores no direcionamento de determinado projeto.

A percepção e o insight permitem à pessoa maior “facilidade para apreender vários aspectos de uma situação simultaneamente e entender rapidamente os elementos essenciais de um problema” (VIRGOLIM, 2021, p. 9 apud LOVECKY, 1993; SILVERMAN, 1993). Com isso, a pessoa consegue encontrar soluções não esperadas no âmbito laboral, mas desvalorizadas ou, até mesmo, qualificadas como incorretas, embora possam servir ao propósito. Pérez relata um exemplo interessante, onde,

[...] um adulto com AH/SD relatava a estratégia engenhosa que utilizava para contribuir para a solução de um problema laboral que, para ele, era muito simples, evitando, assim, comentários perniciosos: ele deixava bilhetes anônimos na mesa do seu chefe com as possíveis soluções para o problema. Desta forma, as idéias que ele tinha eram aproveitadas pelos seus superiores e ele ganhava de quebra o sigilo de sua

identidade como PAH/SD (PÉREZ, 2008, p. 58).

No entanto, nem todas as pessoas conseguem encontrar esta destreza para apresentar suas ideias. Alguns escolhem nivelar-se aos demais, para não sofrerem algum tipo de represália. Outros simplesmente optam em defender seu ponto de vista, na convicção de ser a melhor alternativa, podendo, assim, aparentar uma atitude agressiva ou ameaçadora em relação a seus superiores. Ambas vertentes seriam prejudiciais à pessoa, comprometendo o pleno desempenho de suas funções laborais, seu crescimento profissional e sua satisfação com o trabalho.

São muitos os desafios que uma pessoa com AH/SD adulta enfrenta em sua vida profissional. Embora a legislação garanta o encaminhamento para a vida profissional, na prática isso não ocorre. Quando uma pessoa com AH/SD migra da adolescência para a fase produtiva da vida, a invisibilidade, o sentimento de incompreensão, de desencaixe, seguem sendo seus companheiros de vida, visto que estes indivíduos não tiveram nenhum apoio pedagógico e psicológico durante seu desenvolvimento. Por outro lado, alguns poucos que conseguem dar significado à sua incrível identidade, alavancam uma carreira profissional de sucesso e, não raro, emigram para países desenvolvidos que valorizam seu potencial. Destacando a importância das práticas inclusivas na educação, Abad e Abad explicam que:

O Brasil precisa cumprir com uma das funções mais importantes do processo de escolarização que é a formação de cidadãos cômicos da realidade em que vivem, que participem ativa, informada e conscientemente da vida social, política e econômica brasileira na construção de uma sociedade mais justa e igualitária com respeito às diferenças individuais. De tal modo, no tema da inclusão escolar sobre a perspectiva da diversidade é fundamental a oportuna identificação de alunos AH/SD com o intuito de conservar e desenvolver o capital humano em um mundo globalizado, onde a emigração descontrolada e massiva de talentos pode ser prejudicial em longo prazo para a prosperidade de países em desenvolvimento (ABAD; ABAD, 2017, p. 78).

O mesmo autor acrescenta que:

[...] negar as necessidades dos alunos, [profissionais e cidadãos talentosos] AH/SD por inabilidade na sua identificação ou por desinteresse [institucional] é um ato abusivo que pode ser considerado como violência paradigmática” (ABAD, 2015, p. 31). E, o mais preocupante desse descaso, refere-se à possibilidade desses indivíduos AH/SD tornarem-se problemáticos, podendo “apresentar comportamento social inadequado, hostilidade, agressão com relação aos outros e delinquência social, [...] autoconceito negativo, insegurança e sentimentos gerais de inadequação” (ALENCAR; VIRGOLIM, 2001 apud VIRGOLIM, 2010, p. 8), que podem acarretar o seu envolvimento em atividades ilícitas tanto em seu país de origem, quanto no país ao qual migram. Ocasionalmente problemas de ordens jurídicos, sociais e políticos internacionais (ABAD; ABAD, 2017, p. 80-81).

Ou seja, os riscos não se limitam em apenas perdermos estes talentos para outros países, mas em vista da vulnerabilidade social que muitos se encontram, podemos perdê-los dentro de

nosso próprio país para o crime organizado, conforme a Dra. Cristina Maria Carvalho Delou enfatiza:

Enquanto alunos superdotados são mantidos invisíveis nas escolas (...) o tráfico de drogas abre as portas para aqueles que são líderes e sabem alocar ‘soldados’ segundo as capacidades de cada um, os que são mentalmente ágeis e organizados, estrategistas, logísticos, que operam com inteligência e inovação, são honestos financeiramente e não são dependentes químicos porque precisam de chefes sóbrios. São os que desafiam a inteligência dos grupamentos policiais pelos métodos e equipamentos que utilizam fora da frequência vigiada. Estão à frente das forças de controle social (DELOU, 2019, p. 7-8).

Nossa sociedade precisa urgentemente acordar para a realidade. Iniciando nas escolas, as práticas inclusivas para pessoas com AH/SD devem sair do papel e ser fortemente promovidas. A educação continuada precisa incluir este tema para combatermos a desinformação. Nas empresas, os gestores também precisam aprender a identificar estes talentos e, em vez de vê-los como uma ameaça, suprirem a deficiência do sistema antecessor, contribuindo para o desenvolvimento destes talentos, lapidando-os como um diamante bruto. Desta forma, poderemos nutrir a esperança de futuramente ver muitos brasileiros destacando-se internacionalmente por suas contribuições e realizações brilhantes.

3 Considerações finais

Pessoas com AH/SD são, sem sombra de dúvidas, um capital humano de valor intangível para uma sociedade. Em nosso país, de modo infeliz, esta riqueza incalculável encontra-se em sua grande maioria oculta pelos preconceitos e ignorância de nossa sociedade. A educação, reconhecida como um dos pilares mais importantes para a construção de um mundo melhor, que deveria ser a primeira a identificar, acolher e contribuir para pleno desenvolvimento destas pessoas, ainda não consegue cumprir com maestria seu principal papel: garantir o desenvolvimento pleno dos indivíduos, para que se tornem cidadãos atuantes e agregadores de valor à nossa sociedade.

Felizmente, alguns profissionais, interessados na inclusão educacional e motivados pelo genuíno interesse no desenvolvimento pleno destes cidadãos, têm ampliado seu olhar e realizam cautelosas investigações bibliográficas, nacionais e internacionais, sobre esta temática. Autores como Renzulli, Silverman, Virgolim, Fleith, Pérez, Abad, entre outros, nos levam a refletir, não apenas sobre as vulnerabilidades vivenciadas por estes indivíduos, mas sobre a urgente necessidade da promoção de políticas públicas e da efetivação de ações, para a identificação, o pleno desenvolvimento e para o encaminhamento destas pessoas a uma carreira profissional

adequada ao seu perfil.

Contudo, em nosso país, tem sido tortuoso o caminho percorrido por estes indivíduos, começando na escola. Virgolim (2021) referiu-se ao *bullying* que estes alunos enfrentam como uma forma de violência que lhes causam angústia e sofrimento. O pensamento divergente e criativo os levam a desejar resolver um problema da sua maneira e não da forma ensinada pelo docente, gerando, no professor, sentimentos de ameaça e desrespeito. Silverman destaca a assincronia como um traço inerente à superdotação, resultando em um desenvolvimento desigual, percepção de desarmonia em relação aos seus pares e à sociedade, levado a pessoa a uma condição de vulnerabilidade social e emocional (VIRGOLIM, 2007, 2021). A inaptidão de escolas e professores em promover o pleno desenvolvimento das pessoas com AH/SD, muitas vezes incapazes até mesmo de identificá-los, tem sido evidenciada em diversos estudos sobre esta temática.

Nas atividades laborais, os desafios permanecem, elevando a seriedade de suas consequências para a fase adulta destes indivíduos. Segundo Pérez (2008), nos adultos, as atividades laborais passam a ocupar o lugar que ocupavam as atividades escolares na infância e na adolescência. Nas relações, colegas de trabalho substituem os colegas de aula e os chefes, os professores. Em outras palavras, o protagonista da história continua o mesmo, os antagonistas, porém, ganham novos personagens neste drama. Conforme Pérez (2008), sua excelente memória, raciocínio e capacidade de abstrair ideias pode levá-lo a ir além do proposto pela chefia, a questionar demasiadamente as tarefas propostas ou até a encontrar erros não observados.

O perfeccionismo não saudável, caso manifestado, poderá tornar a pessoa centralizadora de tarefas, sobrecarregada e com muita dificuldade em cumprir prazos. A autora supracitada menciona que esta particularidade também leva a pessoa a considerar que seu desempenho está sempre aquém de seu potencial, ou seja, torna o profissional constantemente insatisfeito com seu desempenho laboral.

As habilidades naturais e diversificadas que integram a personalidade da pessoa com AH/SD não lhes garante um futuro brilhante; por isso, nossa sociedade precisa urgentemente acordar para esta realidade. As práticas inclusivas nas escolas precisam ser fortemente promovidas. A formação inicial e continuada dos professores precisa incluir este tema para combatermos a desinformação. Nas empresas, os gestores também devem aprender a identificar estes talentos, pois o crescimento destes indivíduos favorecerá sua própria organização.

Convergindo com esta ideia, Abab (2017) reforça a necessidade de conservar e desenvolver o capital humano em um mundo globalizado, onde a emigração descontrolada e

massiva de talentos pode ser prejudicial em longo prazo para a prosperidade de países em desenvolvimento. O fruto que podemos colher, após esta mudança de concepção e de cultura, será um futuro de muitos brasileiros destacando-se internacionalmente por suas contribuições e realizações brilhantes para a sociedade internacional, semeadas, regadas e desenvolvidas em solo brasileiro.

Referências

ABAD, Alberto; ABAD, Thaís Marluce Marques. Altas Habilidades/Superdotação: um olhar para o desenvolvimento cognitivo, ajuste emocional e seus impactos na vida profissional. **Revista Foco (interdisciplinary studies)**, [S.l.], v. 9, n. 2, p. 97-119, ago./dez. 2016. Disponível em: <https://revistafoco.emnuvens.com.br/foco/article/view/244/pdf>. Acesso em: 20 dez. 2021.

ABAD, Alberto; ABAD, Thaís Marluce Marques. Altas Habilidades/Superdotação: emigração de talento humano e impacto socioeconômico. **Revista FOCO**, v. 10, n. 3, p. 67-89, ago./dez. 2017. Disponível em: <http://www.revistafocoadm.org/index.php/foco/article/view/424>. Acesso em: 20 dez. 2021.

ABEL, Marcos Chedid. O insight na psicanálise. **Psicologia Ciência e Profissão**, Brasília, v. 23, n. 4, p. 22-31, 2003.

ALENCAR, Eunice M. L. Soriano de. Características sócio-emocionais do superdotado: questões atuais. **Psicologia em Estudo**, Maringá, v. 12, n. 2, maio/ago. 2007.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília: Senado Federal, 1988. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm. Acesso em: 22 nov. 2022.

BRASIL. **Lei nº 9.394/1996**. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Brasília: Presidência da República, 1996.

BRASIL. **Subsídios para organização e funcionamento de serviços de educação especial: área de altas habilidades**. Brasília: Ministério da Educação e do Desporto; Secretaria de Educação Especial, 1995. (Série Diretrizes).

BRASIL. Ministério da Educação. **BNCC - Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC, 2017.

BRASIL. Ministério da Educação. **BNCC - Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC, 2018.

BRASIL. Ministério da Educação. **Censo Escolar 2020**. Divulgação dos resultados. Brasília: Ministério da Educação; Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira, 2021.

BRASIL. **Política Nacional de Educação Especial na perspectiva da Educação Inclusiva**.

Brasília: Ministério da Educação; Secretaria de Educação Especial, 2008.

DELOU, C. M. C. **Ensaio autoral sobre a trajetória da educação dos superdotados no Brasil**. 2019. Disponível em: https://conbrasd.org/wp-content/uploads/2021/07/ENSAIO_AUTORAL_DELOU_2019.pdf. Acesso em: 7 maio 2021.

FLEITH, Denise de Souza (org.). **A construção de práticas educacionais para alunos com altas habilidades/superdotação: volume 2 - atividades de estimulação de alunos**. Brasília: Ministério da Educação; Secretaria de Educação Especial, 2007.

GAMA, Maria Clara Sodré S. Parceria entre Família e Escola. *In*: FLEITH, Denise de Souza (org.). **A construção de práticas educacionais para alunos com altas habilidades/superdotação: volume 3 - o aluno e a família**. Brasília: Ministério da Educação; Secretaria de Educação Especial, 2007.

HALF, Robert. **Como lidar com o conflito de gerações no ambiente de trabalho?** 2022. Disponível em: www.roberthalf.com.br. Acesso em: 27 abr. 2022.

MARQUES, Jéssica Gabriele Ribeiro; MATOS, Samantha Franciele Dorabiato de. Geração alpha no futuro das organizações. **Revista de Saúde e Meio Ambiente**, União da Vitória, ano 8, v. 2, p. 278, 2021.

MOREIRA, Geraldo Eustáquio. **Perfeccionismo em adolescentes superdotados atendidos em um programa para alunos com altas habilidades/talentos**. 2005. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Católica de Brasília, Brasília, 2005.

OUROFINO, Vanessa Terezinha Alves Tentes de; GUIMARÃES, Tânia Gonzaga. Características intelectuais, emocionais e sociais do aluno com altas habilidades/superdotação. *In*: FLEITH, Denise de Souza (org.). **A construção de práticas educacionais para alunos com altas habilidades/superdotação: volume 2 - atividades de estimulação de alunos**. Brasília: Ministério da Educação; Secretaria de Educação Especial, 2007.

PEÑAS, Maria. **Características Socioemocionales de las personas adolescentes superdotadas: Ajuste psicológico y negación de la superdotación en el concepto de sí mismas**. Madrid: Ministerio de Educación, Política Social y Deporte, 2006.

PÉREZ, Susana Graciela Pérez Barrer. Altas Habilidades/Superdotação: uma larga brecha entre as letras do papel e o chão da escola. **Aprender - Caderno de Filosofia e Psicologia da Educação**, [S.l.], n. 26, p. 176-197, 2021. Disponível em: <https://periodicos2.uesb.br/index.php/aprender/article/view/10043>. Acesso em: 16 nov. 2022.

PÉREZ, Susana Graciela. **Ser ou não ser, eis a questão: o processo de construção da identidade na pessoa com altas habilidades/superdotação adulta**. 2008. Tese (Doutorado em Educação) - Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2008.

SCHAWBEL, D. **5 Predictions for Generation Alpha**. 2014. Disponível em: <https://danschawbel.com/blog/5-predictions-for-generation-alpha/>. Acesso em: 27 abr. 2022.

SEBRAE. Criatividade: o sucesso nos negócios. **Sebrae**, [S.l.], 2021. Disponível em: <https://www.sebrae.com.br/sites/PortalSebrae/ufs/ac/artigos/criatividade-o-sucesso-nos->

negocios,46b876613887b710VgnVCM100000d701210aRCRD. Acesso em: 9 maio 2021.

SOUSA, Rhaissa Andrêssa Ramos de. **Desenvolvimento emocional de alunos superdotados**: estudo comparativo acerca das sobre-excitabilidades. 2019. Dissertação (Mestrado em Educação) — Universidade de Brasília, Brasília, 2019.

VIRGOLIM, Angela M. R. Como reconhecer uma criança superdotada? As características cognitivas, afetivas e sociais do superdotado. *In*: VIRGOLIM, Angela M. R. **Altas habilidade/superdotação**: encorajando potenciais. Brasília: Ministério da Educação; Secretaria de Educação Especial, 2007.

VIRGOLIM, Angela M. R. Encorajando potencialidades: desenvolvendo a superdotação na teoria e na prática. *In*: VIRGOLIM, Angela M. R. **Altas habilidade/superdotação**: encorajando potenciais. Brasília: Ministério da Educação; Secretaria de Educação Especial, 2007.

VIRGOLIM, Angela. As vulnerabilidades das altas habilidades e superdotação: questões sociocognitivas e afetivas. **Educar em Revista**, Curitiba, v. 37, 2021.

VIRGOLIM, Rodrigues; MÁGDA, Angela. A contribuição dos instrumentos de investigação de Joseph Renzulli para a identificação de estudantes com Altas Habilidades/Superdotação. **Revista Educação Especial**, Santa Maria, v. 27, n. 50, p. 581-609, set./dez. 2014.

VITTORAZZI, D. L. Alunos com altas habilidades / superdotação: uma revisão bibliográfica introdutória sobre o papel da escola no desenvolvimento de talentos. **Pesquisa, Sociedade e Desenvolvimento**, [S. l.], v. 9, n. 8, p. e287985507, 2020. DOI: 10.33448 / rsd-v9i8.5507. Disponível em: <https://rsdjournal.org/index.php/rsd/article/view/5507>. Acesso em: 20 dez. 2021.

ZAGO, Caroline Resende; RIBEIRO, Eduardo Augusto Werneck. Altas Habilidades/Superdotação e o Atendimento Educacional Especializado na Educação Profissional, Técnica e Tecnológica: Desafios e Perspectivas. **Revista Dynamis**, [S.l.], v. 23, n. 1, p. 95-111, jan. 2018. Disponível em: <https://proxy.furb.br/ojs/index.php/dynamis/article/view/6755>. Acesso em: 20 dez. 2021.